



http://www.etnomatematica.org  
Red Internacional de Etnomatemática

jun/jul 2020 – ano 4 – nº 20 – anexo

Boletim **Brasil**

Red Internacional de Etnomatemática

**Boletim n. 20 - ANEXO**  
**O Programa Etnomatemática**  
**e as novas TDIC**  
**Ubiratan D'Ambrosio**

TRANSCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO  
**VEm Brasil 2020**, 25 de abril, 8h15-8h30

Confira vídeo legendado em Português:

[youtu.be/we1zbAh-fxq](https://youtu.be/we1zbAh-fxq)

"O Programa Etnomatemática e as novas TDIC"

Ubiratan D'Ambrosio



**VEm**  
**Brasil**  
Virtual Etnomatemática (Em) - Brasil

Palestra proferida em 25 de abril

LENDADO EM PORTUGUÊS

Olá, pessoal!

Estamos aqui reunidos, nesse momento muito importante, que é esta fala para o VEm Brasil.

O VEm Brasil é, efetivamente, um marco, não só para a Etnomatemática, mas um marco em geral para a Educação, porque representa, primeiro, o reconhecimento de que Etnomatemática foi pra frente. Etnomatemática deu certo, está sendo usada e trabalhada em todo o mundo, e o VEm Brasil é uma prova disso. Nós temos gente participando aí nos quatro cantos do mundo, de todo lugar. Então, Etnomatemática pegou e que está aí pra ficar e pra evoluir e para ampliar todo o seu alcance como formação de um futuro feliz.

O segundo aspecto, que eu destaco como importante desse VEm Brasil, é a ampla utilização de tecnologia. Seria impossível fazer um VEm Brasil se não tivesse esse recurso da tecnologia, digital, de informação, de comunicação etc. Essa nova tecnologia permite que a gente se aproxime e possa estar junto, o mundo inteiro, todos os participantes. Difícilmente, a gente conseguiria fazer um congresso internacional tão abrangente quanto o VEm Brasil se não tivesse toda essa tecnologia.

Então, repito as duas coisas que destaco: primeiro, a importância do tema, que é Etnomatemática, e segundo, a importância do meio de realizar esse evento.

É óbvio que essa ideia pode ser adotada em todos os setores do conhecimento, pode ir para as Artes, para os Esportes, para a Educação em geral e deve ajudar que a gente tenha todos participando de uma mesma espécie humana, a humanidade, que se localiza em vários lugares. É possível – e nós esperamos e é nosso desejo – que isso leve a um verdadeiro conceito de Humanidade. Uma mesma espécie tentando lidar com condições que escapam ao nosso controle, meteorológicas, ambientais, ciclos geológicos e, agora, com os vírus, essa pandemia do COVID-19.

Vírus existem desde que vida surgiu. Eles sempre procuram se localizar em organismos mais complexos e se transferem de organismos mais complexos, de um indivíduo para outro.

Então, não é novidade! A questão é que esses vírus se tornaram ativos, mais agressivos, à medida que essa transferência de um organismo complexo para outro é facilitada, porque vivemos todos muito juntos, muito próximos, e é mais fácil para o vírus passar de um para o outro se a gente estiver próximo.

Uma proposta é o que está sendo feito hoje em todos os países, alguns com alguma resistência: esse isolamento, para que a gente se encontre menos, para que a gente não tenha aglomerações, para que a gente não dê oportunidade para esse vírus passar com facilidade de um indivíduo para outro. É um tipo de atividade para deixar o vírus incapaz de exercer toda a sua função, que é passar de um organismo para outro.

Nisso aí, claro, há um paradoxo. Nós falamos de humanidade e o conceito de humanidade diz: todos estarmos juntos, todos nos abraçamos, todos convivemos em reuniões importantes, em família, nos esportes, nas artes e em uma série de coisas. Tudo isso exige proximidade e o vírus nos diz: - "ah, que bom! Proximidade é o favorável para mim.". E nós temos que lutar contra o vírus, evitando proximidade. Isso cria um paradoxo muito difícil de ser resolvido. Como é que nós vamos fazer?

Estamos fazendo agora, graças aos meios de tecnologia, que permite que a gente esteja junto estando distante. Felizmente, os vírus que entram no computador não são os vírus COVID-19, ainda eles não aprenderam a entrar no computador, então vamos esperar que eles não consigam. Nós conseguimos porque, de todas as espécies vivas, nós somos aquela com muito maior capacidade de criar, de fazer coisas novas, de explorar coisas novas. Como a gente faz isso? Baseado em quê? Baseado em conhecimento de várias áreas, vários tipos de conhecimento, e toda História nos mostra que o fundamental em todas as manifestações de conhecimento é um conhecimento de natureza matemática.

Nós aprendemos a observar, a comparar, a classificar, a organizar e, a partir daí, é que surge o conhecimento matemático. É óbvio que, se nós começamos observando, vamos observar o que está por perto, que é o nosso ambiente natural, que é o nosso ambiente cultural e social. A partir daí, fazemos comparações, classificações, ordenações, mensurações, quantificações, inferências... Isso é a base do conhecimento matemático.

Em qualquer lugar do mundo, em qualquer cultura, todas as manifestações, que a gente chama Matemática, têm essa trajetória: observar, comparar, classificar, ordenar, mensurar, quantificar, tirar conclusões (isto é inferência)... Isso aí aparece sempre, em todas as culturas. Portanto, não é possível, eu acho impensável, quando você pensa em Humanidade, privilegiar exclusivamente um pedaço deste planeta, que é aquele que estava em torno da Bacia do Mediterrâneo e que se expandiu pela Europa, pela Ásia, pela África, pelas Américas e para todo o mundo, mas é aquele que se expandiu.

E aqueles que já estavam, o que acontece com esses? São as etnomatemáticas. Elas não podem ser ignoradas, porque elas fazem parte da história de todo aquele grupo, que se localizou, historicamente, não se sabe quando, e, geograficamente, em determinados lugares deste planeta. Elas são tão válidas, tão importantes quanto aquela que iniciou naquela região do Mediterrâneo. Essa, que se originou na região do Mediterrâneo, se desenvolveu numa certa direção, essa direção é o conhecimento científico. Maravilha! E esse conhecimento científico, a natureza dele, a possibilidade que ele dá de deslocamento mais amplo, mais rápido etc., se expandiu pelo mundo todo. Aquele conhecimento, que estava em cada lugar, permanece. E na hora que esse conhecimento, que vem de fora e chega num certo lugar, que é chamado, no caso da Matemática, de Matemática acadêmica, esta não pode afogar, eliminar, rejeitar a que já estava lá. E essa é a ideia principal da Etnomatemática.

Essa ideia principal da Etnomatemática é que faz com que a gente olhe em todos os ambientes naturais, sociais, culturais, que é o que eu chamo em todos os *etno*, para saber como, em cada um desses *etnos* se desenvolveram as técnicas de observar, de comparar, de classificar, de ordenar, isto é, os *matema*. E as técnicas, que se desenvolveram nos diferentes *etnos* é o que a gente chama de *ticas*, ou técnicas (em vez de falar técnicas, eu falo uma abreviação, uma coisa mais simples): *tica* de *matema* naquele *etno* específico. Isso vem desde a história desse grupo, desde as origens desse grupo e tem sido o elemento básico para que eles tenham evoluído ao longo da História e se mantido em avanço durante a História, e está lá, permanece. Agora, a chegada do outro *etno*, daquele grupo que era o que chegou a se expandir pelo mundo todo e conquistar, é diferente.

Todos são diferentes. A diferença não quer dizer um eliminar o outro. A diferença quer dizer os dois se integrem e produzirem algo integrado e melhor. É essa a grande realização do VEm Brasil: promover esse encontro, que deve resultar em algo melhor. Vamos superar essa grande crise, a pandemia do COVID-19, e esperamos ter um mundo melhor, uma Humanidade mais feliz.

Muito obrigado, gente!

**Transcrição:**

Olenéva Sanches Sousa  
Luciano de Santana Rodrigues

**Ubiratan D'Ambrosio:**  
**Saber-Fazer e Transcender**

Ubiratan D'Ambrosio

